

VIOLÊNCIA DE GÊNERO NUMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA: SAINDO DA INVISIBILIDADE¹

Aida Victoria Garcia Montrone²

Marcia Regina Cangiani Fabbro³

Teresa Cristina Martins Dias⁴

Livia Maria Fusari⁵

Diogo Barboza Moreira⁶

Resumo: Pesquisa descritiva-transversal/inferencial em universidade pública do interior de São Paulo. Objetivo: mapear violência de gênero; verificar a probabilidade de um/a estudante a sofrer. Método: questionário on-line enviado para estudantes de cursos presenciais, entre maio-outubro/2018. Análise utilizou frequência, correspondência múltipla e modelo de regressão logística. Resultados: 84% tinham menos de 26 anos, 70% se declararam brancos; 68% heterossexuais e 59% feminino cis. Há desconhecimento dos tipos de violência de gênero reconhecidos e poucos/as estudantes a reportaram por não saber como fazê-lo. Estudantes mulheres, negras e homossexuais têm probabilidade seis vezes maior de sofrer violência, em comparação a homens, brancos e heterossexuais.

Palavras-chave: Violência de gênero; Universidades; Estudantes.

Abstract: This is a cross-sectional, descriptive and inferential survey conducted in a public university of São Paulo state. Objective: to map gender violence; to verify the probability of students to suffer violence. Data collection: May-



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Agradecimentos à Pró-Reitoria de Graduação, à Secretaria de Educação a Distância, à Secretaria Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade, à Ouvidora e à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de São Carlos, pelo apoio financeiro. Aos/Às estudantes bolsistas e voluntários/as que participaram das atividades do projeto.

2 Doutor em Educação, Universidade Federal de São Carlos, Brasil. E-mail: montroneufscar@gmail.com. Orcid: 0000-0002-1954-4679

3 Doutora em Educação, Universidade Federal de São Carlos, Brasil. E-mail: mfabbro@gmail.com. Orcid: 0000-0003-2601-8818

4 Doutora em Engenharia de Produção, Universidade Federal de São Carlos, Brasil. E-mail: dtmd@ufscar.br. Orcid: 0000-0001-6065-7627

5 Doutora em Entomologia, Universidade Federal de São Carlos, Brasil. E-mail: liviafusari@ufscar.br. Orcid: 0000-0002-1107-2785

6 Mestrando em Estatística, Universidade Federal de São Carlos, Brasil. E-mail: diogobarbozamoreira@gmail.com. Orcid: 0000-0002-4871-5502

October/2018, questionnaire sent to undergraduate students. Analysis: frequency tables, multiple correspondence analysis and logistic regression models. The results revealed that 84% of students have less than 26 years old, 70% self-declares as white, 68% as heterosexual and 59% as cis-female. Most are unfamiliar with gender violence. Few students reported such matters officially as they didn't know the correct procedures. The probability of female, black homosexual students to suffer gender violence is six times higher than male, white and heterosexual students.

Keywords: Gender Violence; Universities; Students.

Introdução

A violência de gênero é um problema de saúde pública mundial de proporções epidêmicas, uma vez que 35% das mulheres no mundo sofrem algum tipo de violência ao longo da vida, quer seja do parceiro ou de outra pessoa (OMS, 2013).

O conceito de gênero foi resultante dos movimentos feministas para evidenciar as relações de poder desiguais e as iniquidades que existem entre homens e mulheres, baseadas no sexo biológico. Scott (1995, p. 86) define a categoria gênero como tendo duas partes analíticas inter-relacionadas: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; (2) O gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

Na Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, realizada em Belém do Pará em 1994, definiu-se a violência contra a mulher como qualquer ação ou conduta baseada no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, no âmbito público ou privado (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, 1994).

Desta forma, considera-se como violência de gênero a violência física, entendida como qualquer ato que atinja a integridade ou saúde corporal; a violência psicológica, entendida como qualquer ato que cause dano emocional e na autoestima; violência sexual, entendida como qualquer ato que constranja a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça ou uso da força; violência patrimonial, entendida como qualquer ato que configure retenção, subtração, destruição de bens, objetos,

instrumentos de trabalho, documentos pessoais, entre outros; e violência moral, que configura calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2010).

Em 2015, o Mapa da Violência mostrou que o Brasil ocupa o quinto lugar em índices de feminicídio. Este documento ainda destacou que entre os anos de 2003 e 2013, o número de mulheres mortas em condições violentas passou de 3.937 para 4.762, registrando um aumento de 21% na década. Somente em 2013, foram registradas 4.762 mortes de mulheres, o que representa 13 homicídios femininos por dia (WAISELFSZ, 2015). Segundo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA, 2018), em 2016, 4.645 mulheres foram assassinadas no país, o que representa uma taxa de 4,5 homicídios para cada 100 mil brasileiras. As categorias de gênero e raça são fundamentais para entender a violência contra a mulher. Os dados mostraram que, nos dez anos estudados, a taxa de homicídios para cada 100 mil mulheres negras aumentou 15,4%, enquanto que entre as não negras houve queda de 8%.

Neste sentido, mulheres que frequentam universidades públicas também sofrem diversas formas de violência. A universidade é vista como um “armário” que mantém um silêncio institucional – o termo “armário” compreende todas as práticas ritualizadas que ocorrem nesse contexto (NARDI et al., 2013). Mesmo com esforços no campo da educação para produzir práticas de ensino transformadoras, inclusivas e politizadas, não se podem ignorar os limites impostos a estas iniciativas, por questões históricas, econômicas, políticas e culturais, dado que estão atravessadas por marcadores sociais de diferenciação, tais como classe, raça, gênero, território, sexualidade e outros. Isso produz desigualdades e, consequentemente, violência de gênero, expressa em múltiplas formas. Um estudo realizado em universidades do sul do México aponta que os/as estudantes não reconhecem a violência de gênero e, por outro lado, estas instituições não garantem a igualdade de gênero, equidade, nem uma convivência livre de violência (GÁMAZ et al., 2018).

Pesquisa realizada por Data Popular e Instituto Avon (2015) com estudantes, homens e mulheres, de graduação e pós-graduação de universidades brasileiras, revelou que o ambiente universitário, que deveria ser um local de formação profissional e pessoal, de interação social saudável, foi apontado como um espaço de medo para a mulher, pela violência praticada por colegas, professores, parceiros ou outras pessoas; e essa violência pode ser desde uma desqualificação intelectual até o estupro.

Considerando o exposto, torna-se relevante fornecer um panorama do contexto vivido por estudantes de graduação de uma universidade pública. Desta forma, este artigo tem como objetivo geral mapear a violência de gênero em uma universidade pública do interior de São Paulo e como objetivo específico verificar a probabilidade de um estudante ou uma estudante dessa instituição sofrer violência de gênero.

Método

Trata-se de uma pesquisa descritiva-transversal e inferencial, realizada em uma universidade pública do interior de São Paulo, que atualmente oferece 33 cursos de graduação presencial. A coleta de dados ocorreu no período entre maio e outubro de 2018, por meio de um questionário on-line pré-testado em uma amostra piloto. O convite, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o questionário foram enviados pela Secretaria de Educação a Distância (SEaD/UFSCar) para estudantes de cursos presenciais via e-mail. O questionário se encontra em apêndice.

Em sua maioria, as variáveis foram qualitativas, com no mínimo duas classes de respostas, sendo que em algumas destas foi possível assinalar mais de uma alternativa. Há ainda uma questão cuja resposta é aberta e outra de natureza quantitativa. O questionário aborda cinco tópicos principais: (1) dados sociodemográficos (oito questões); (2) Reconhecimento da violência de gênero por parte dos estudantes (18 itens podendo assinalar mais de um); (3) situações de violência de gênero no âmbito universitário (13 questões); (4); reação diante da violência (cinco questões); e (5) medidas de proteção e prevenção da violência de gênero na universidade (oito questões). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFSCar, com número de parecer: 2.300.443.

Os dados foram analisados com medidas resumo (média e desvio padrão), construção de tabelas de frequência e análise de correspondência múltipla para a parte descritiva (BUSSAB; MORETTIN, 2006; JOHNSON; WICHERN, 2007; MINGOTI, 2005). Para a análise inferencial, foi ajustado um modelo de regressão logística (NELDER; WEDDERBURN, 1989), com nível de significância ($p < 0,05$). As análises foram feitas com o auxílio dos *softwares* R (R DEVELOPMENT CORE TEAM, 2010) e SAS (SAS INSTITUTE INC, 2012).

Resultados

Foram registradas 2.277 respostas. Os/as respondentes tinham, em média, 24 anos, variando entre 18 e 64, sendo que 84% tinham menos de 26 anos. Aproximadamente 41% eram da área de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET), 33% da Educação e Ciências Humanas (CECH) e 26% das Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS). Os/as estudantes estavam matriculados/as nos períodos: integral (70,1%), noturno (24,5%) e diurno (5,4%). Com relação às variáveis raça, orientação sexual e identidade de gênero, a Tabela 1 mostra a distribuição de frequências das categorias, para cada uma dessas variáveis.

Tabela 1: Distribuição de frequências para raça, orientação sexual e identidade de gênero

Variáveis	Frequência relativa (%)
Raça/Cor/Etnia	
Branca	70
Parda	18
Negra	8
Amarela	3
Indígena	1
Orientação sexual	
Heterossexual	68
Bissexual	20
Homossexual	11
Assexual	1
Identidade de gênero	
Feminino cis	59
Masculino cis	38
Não binário	2
Masculino trans	0,5
Feminino trans	0,5

Fonte: Elaboração própria (2019).

Destaca-se que 70% dos/as respondentes se declararam brancos/as; 68% são heterossexuais e 59% feminino cis. O reconhecimento da violência de gênero contém 18 itens de respostas, em que o/a estudante poderia assinalar todos os que reconhecesse como uma forma deste tipo de violência. A Tabela 2 apresenta o percentual de estudantes que assinalaram cada item deste tópico.

Tabela 2: Frequência relativa do reconhecimento de cada item como forma de violência de gênero

Item	Percentual (%)
Colocar as mãos em diferentes partes íntimas do corpo de outra pessoa ou forçar a beijar ou a tocar, contra a vontade	93,9
Utilizar da força física e/ou psicológica para manter relações sexuais	93,68
Impor uma maneira de se vestir, se pentear ou se comportar em público	91,93
Receber ameaças e/ou difamações através da mídia eletrônica/redes sociais	89,68
Agredir ou ferir fisicamente a pessoa	89,15
Perseguir insistentemente a pessoa	89,06
Intimidar e ameaçar a pessoa	88,8
Fazer insultos e ofensas que humilhem a pessoa	88,01
Desqualificar ou desvalorizar a pessoa	87,83
Atirar objetos ou empurrar violentamente a pessoa	86,87
Receber telefonemas, e-mails, mensagens nas redes sociais, cartas mal intencionadas ou notas insistindo em manter uma relação com a pessoa	85,95
Impedir que a pessoa fale com outras pessoas	81,82
Fazer observações/comentários desagradáveis sobre a aparência física	81,69
Controlar com quem a pessoa anda e com quem a pessoa está	81,47
Menosprezar a pessoa	75,27
Tirar/divulgar fotos com autorização	18,18
Quando a pessoa não está interessada em conversar, não insistir	8,87
Elogiar o trabalho/pesquisa que a pessoa fez para a matéria/curso	1,71

Fonte: Elaboração própria (2019).

Destaca-se, na Tabela 2, que os itens mais frequentemente reconhecidos como violência de gênero foram: colocar as mãos em diferentes partes íntimas do corpo de outra pessoa ou forçar a beijar ou tocar contra a vontade (93,9%); utilizar da força física e/ou psicológica para manter relações sexuais (93,7%); e impor uma maneira de se vestir, se pentear ou se comportar em público (91,1%). Além disso, nota-se que 18,1% dos/as estudantes não reconheceram como violência “Impedir que a pessoa fale com outras pessoas”; 18,3% não reconheceram “Fazer observações/comentários desagradáveis sobre a aparência física”; 18,5% não reconheceram “Controlar com quem a pessoa anda e com quem a pessoa está” e, por fim, 24,7% não reconheceram “Menosprezar a pessoa” como forma de violência.

No tópico situações de violência de gênero no âmbito universitário, a pesquisa mostrou que 74,4% dos/as estudantes já presenciaram algum evento que entenderam ser violência e 36,1% já sofreram algum tipo de

violência de gênero. A Tabela 3 apresenta o percentual de estudantes que assinalaram cada tipo de violência presenciada.

Tabela 3: Tipos de violências presenciadas pelos estudantes

Tipo de violência	Percentual (%)
Violência psicológica, como humilhar, insultar, ameaçar ou perseguir.	75,09
Comentários sexistas sobre a capacidade intelectual das mulheres ou seu papel na sociedade ou comentários com conotações sexuais que desagradam ou humilham.	74,09
Comentários desagradáveis sobre a forma de se vestir, e/ou da forma de arrumar os cabelos.	63,34
Receber beijos ou carícias sem consentimento.	55,9
Sentir-se perturbada/o ou com medo por comentários, olhares, correios eletrônicos, notas, chamadas telefônicas ou por ter sido perseguida/o ou vigiada/o.	52,6
Rumores sobre vida sexual.	51,65
Pressão para ter relações sexuais, exigindo práticas que não gosta ou negando o uso de preservativo.	41,79
Pressões para manter relações afetivo-sexuais.	33,83
Agressões físicas, como bater, empurrar, chutar ou amarrar.	24,79

Fonte: Elaboração própria (2019).

Na Tabela 3 destaca-se que, dentre as pessoas que presenciaram situações de violência, as respostas com maior frequência foram “Violência psicológica como humilhar, insultar, ameaçar ou perseguir” (75,1%); “Comentários sexistas sobre a capacidade intelectual das mulheres ou seu papel na sociedade ou comentários com conotações sexuais que desagradam ou humilham” (74,1%); e “Comentários desagradáveis sobre a forma de se vestir ou a forma de arrumar os cabelos” (63,3%).

Dentre os/as estudantes que declaram ter sofrido violência, os tipos mais relatados foram: psicológica (77%); moral (65%); sexual (31%) e física (12%). No caso da violência sexual, o assédio (40%) e a exploração sexual (33,3%) foram os mais citados, seguidos de estupro (6,93%) e atentado violento ao pudor (4,13%). A Tabela 4 apresenta os motivos que levaram à violência de gênero, bem como os percentuais assinalados em cada um. A Tabela 5 mostra os locais mais frequentes (percentual acima de 10%) em que a violência ocorreu.

Tabela 4: Motivos que levaram à violência de gênero

Motivo	Frequência relativa (%)
Hierarquia	52,73
Hábitos e estilos de vida	43,38
Característica física	34,02
Área do curso	26,12
Orientação sexual	24,67
Identidade de gênero	19,08
Situação socioeconômica	12,88
Etnia/Raça	10,09
Religião	4,13

Fonte: Elaboração própria (2019).

Tabela 5: Locais em que ocorreu a violência de gênero

Local	Frequência relativa (%)
Repúblicas	55,16
Salas de aula	51,76
Áreas abertas do campus universitário	46,54
Bares	39,85
Residência	32,08
Na rua (a caminho ou voltando da universidade)	23,69
Festas universitárias	13,97
Sala de professor	12,64
Moradia estudantil	11,3

Fonte: Elaboração própria (2019).

Destaca-se (Tabela 4) que os motivos que mais levaram à violência foram Hierarquia (52,8%) e Hábitos de estilo de vida (43,4%). Quanto aos locais em que mais ocorreram violência (Tabela 5), destacam-se Repúblicas (55,2%); Salas de aulas (51,8%) e Áreas abertas do campus (46,5%). O período de maior ocorrência da violência foi à noite (66,9%). As violências ocorreram, na maioria, mais de duas vezes (67,1%). A Tabela 6 apresenta os percentuais assinalados quanto às categorias da relação (vínculo) entre a vítima e o/a agressor/a.

Tabela 6: Relação da vítima com o agressor

Relação	Percentual (%)
Desconhecido	44,59
Professor/a	39,73
Colega	37,06
Conhecido	29,28
Amigo	14,22

Fonte: Elaboração própria (2019).

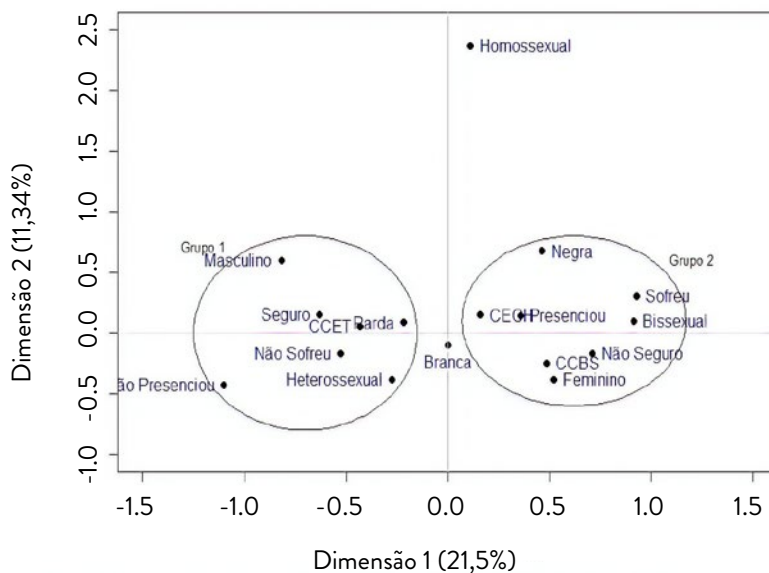
Destaca-se (Tabela 6) alta frequência de respostas para as categorias Desconhecido (44,6%), Professor/a (39,8%) e Colega (37,1%). Os agressores eram, em maioria, do gênero masculino (77,4%). O/A estudante que sofreu a violência de gênero se considera vítima em 80% dos casos; 95% não reportaram a violência, sendo que os motivos foram medo (75%); falta de informação (40%); falta de acolhimento (35%); vergonha (30%); demora no atendimento (20%); e dificuldade de acesso/local para formalizar a denúncia (15%).

A respeito de medidas de proteção e prevenção da violência de gênero, 65% dos/as estudantes apontaram não saber o que fazer caso sofressem algum tipo de violência na universidade; 94% acreditam que seja necessário um serviço que ajude as pessoas que sofrem violência de gênero; 90,3% consideraram que este serviço deve atender homens e mulheres no campus; 91,3% veem a importância de trabalhar o tema violência em alguma disciplina, projeto de extensão ou outros espaços de debates; 48% dos/as estudantes não se sentem seguros na universidade; e 39,2% dos/as estudantes afirmaram que não frequentam determinados locais na universidade por medo e falta de segurança. Aproximadamente 81% afirmaram que não existem campanhas de prevenção à violência de gênero no seu curso nem no campus.

A análise de correspondência permitiu a construção de dois grupos de estudantes com perfis distintos, como mostra a Figura 1. O Grupo 1 é formado, predominantemente, por estudantes com pelo menos uma das seguintes características: pertencem ao Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia (CCET), são heterossexuais, brancos ou pardos, do gênero masculino, se sentem seguros no ambiente da universidade, não presenciaram e nem sofreram violência de gênero. O Grupo 2 é formado, em sua maioria, por estudantes que pertencem ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) ou ao Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH),

são do gênero feminino, declararam ter presenciado ou sofrido violência, são bissexuais, brancas/os ou negras/os e não se sentem seguras/os no campus. Destaca-se que, como os estudantes que se declararam homossexuais têm baixa representatividade entre os respondentes e, na análise, o ponto que representa esta categoria pertence ao primeiro quadrante (Figura 1), esta foi inserida no Grupo 2. Algumas categorias não foram consideradas (raça: amarela e indígena; orientação sexual: assexual; identidade de gênero: não binário, feminino trans ou masculino trans) devido à baixa representatividade na amostra.

Figura 1: Representação das categorias das variáveis de interesse no primeiro plano fatorial da análise de correspondência múltipla



Fonte: Elaboração própria (2019).

Para responder à pergunta “qual a probabilidade de um/a estudante sofrer violência, dado seu perfil sociodemográfico?” foi utilizado um modelo de regressão logística, em que a variável resposta foi “sofrer violência” e as preditoras foram: “período do curso”, “raça”, “orientação sexual” e “gênero”. A partir do modelo ajustado, as razões de chances e seus respectivos intervalos de confiança (95%) foram calculados para os pares de categorias. A Tabela 7 mostra as estimativas pontuais e intervalares das razões de chances, que foram significativas. Por exemplo, a chance de um/a estudante da raça negra sofrer violência é, aproximadamente, 65% maior do que um/a

estudante da raça branca. Também a chance de um/a estudante do período integral sofrer violência é maior quando comparada/o com estudantes do noturno, no entanto esta diferença não foi estatisticamente significativa.

Tabela 7: Estimativas pontuais e intervalares para as razões de chances, na mudança de categoria

Categorias: referências versus outra	Razão de chances	Intervalo de confiança
Branca para negra	1,652	1,177-2,318
Heterossexual para bissexual	3,556	2,815-4,491
Heterossexual para homossexual	3,797	2,801-5,147
Masculino cis para feminino cis	3,85	3,084-4,807
Masculino cis para não binário	3,511	1,899-6,492

Fonte: Elaboração própria (2019).

A partir do modelo, um/a estudante com características do Grupo 1 tem probabilidades diferentes de sofrer violência do que um/a estudante com características do Grupo 2, quando comparados (Figura 1). O modelo estima que a probabilidade de um estudante sofrer violência, sendo da raça branca, heterossexual e do gênero masculino (Grupo 1), varia entre 11% e 13%. Já uma estudante da raça negra, homossexual e do gênero feminino (Grupo 2) tem probabilidade de sofrer violência entre 75% e 78%, ou seja, aproximadamente 6 vezes maior.

Discussão

A violência de gênero afeta a população em várias esferas, incluindo os/as estudantes de universidades brasileiras. Os resultados deste estudo confirmam que o ambiente universitário está longe de ser livre de diferentes formas de violência, pois mais da metade dos/as estudantes (74,4%) relataram ter presenciado algum evento violento e 36% dos/as respondentes sofreram algum tipo de violência. Estes dados corroboram pesquisas em países desenvolvidos e em desenvolvimento, que mostram níveis de violência não muito diferentes dos registrados, variando entre 21% e 45% para violência geral e 17% e 1% para violência sexual, relatados por estudantes do sexo feminino (FORKE et al., 2008; LEHRER et al., 2007; MARTINEZ, 2006; ZOTARELI et al., 2012).

O presente estudo demonstrou que os/as agressores/as eram majoritariamente do gênero masculino (77%), situação observada em diversos estudos (GÁMAZ et al., 2018; VALLS et al., 2016; ZOTARELI et al., 2012).

Nas instituições universitárias, as estruturas de dominação persistem principalmente dos homens em relação às mulheres, o que tem influenciado na problemática da violência de gênero, e tem sido silenciado por muito tempo dentro desse contexto (BARTOLO-NOLAZCO; DIAZ-GONZÁLEZ; DÍAZ-PÉREZ, 2015; GÁMAZ et al., 2018). A situação foi confirmada nesta investigação, que mostrou que metade dos/as respondentes reconheceu a hierarquia como um dos principais motivos que levaram ao ato de violência. Ainda, a maioria desses/as estudantes não reportou a agressão, sendo medo, falta de informação e falta de acolhimento as principais limitações.

As universidades são espaços em que a violência de gênero é reproduzida; cria-se um ambiente hostil principalmente para as mulheres, onde “o assédio sexual e a misoginia se manifestam no dia a dia da universidade, entre diferentes grupos, nos currículos acadêmicos ou nos debates da universidade” (LARENA; MOLINA, 2010, p. 207). Nesse contexto, há formas de subordinação e violência contra a mulher, na tentativa de controlá-las pela força, dominação ou silêncio.

O bom relacionamento entre colegas do curso e com os/as professores/as é considerado um preditor de qualidade de vida e de satisfação acadêmica com o curso escolhido (GODINHO et al., 2018). Ao contrário, um relacionamento abusivo pode gerar solidão, violência e suicídio (BARDAGI; HUTZ, 2012; GUIMARÃES; BORUCHOVITCH, 2004); dentro desse cenário, verificamos que dentre os agressores/as no campus, 39,8% eram colegas e 37,2% professores/as; desta forma, os respondentes estão suscetíveis a perda de qualidade de vida.

Ainda assim, nosso estudo elucida a realidade de que os/as estudantes muitas vezes não reconhecem situações particulares como violentas, mesmo quando elas são geralmente ou legalmente reconhecidas como tal (abordadas em nosso questionário: “impedir que a pessoa fale com outras pessoas”; “fazer observações/comentários desagradáveis sobre a aparência física”; “controlar com quem a pessoa anda e com quem a pessoa está” e, “menosprezar a pessoa”). Esse dado é importante, pois nossos resultados estão de acordo com estudos em universidades mexicanas (GÁMAZ et al., 2018) e espanholas (VALLS et al., 2016), alertando para os possíveis

desequilíbrios que podem ocorrer a partir das diferenças entre a definição de violência assumida pelas vítimas e agressores/as e a definição legalmente estabelecida de violência.

Esse estudo também abordou a probabilidade, dentro desse cenário, de um/a estudante sofrer violência por seu perfil sociodemográfico, e constatamos que uma estudante da raça negra, homossexual e do gênero feminino tem probabilidade de sofrer violência entre 75% e 78%. A intersecção de gênero, raça e orientação sexual potencializa até seis vezes o risco de sofrer alguma forma de violência, comparada com um estudante de padrão contrário. Em estudo em universidade brasileira, constatou-se que a homofobia em ambiente escolar inicia-se na adolescência e se estende, predominantemente, até a vida adulta (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2015), acarretando consequências psíquicas e psiquiátricas aos jovens, como problemas com a autoestima (KOSCIW et al., 2012), dificuldade em estabelecer e manter relacionamentos (RIVERS, 2004), e até a ideiação suicida em vítimas de homofobia (RIVERS, 2004; RUSSELL, 2011; RUSSELL et al., 2011). Rivers (2001) apontou que 55% dos participantes de sua pesquisa indicaram experienciar vitimização ou assédio no ambiente de trabalho ou na universidade devido a sua orientação sexual.

Os/As estudantes também apontaram, nas questões abertas, que o diálogo sobre violência de gênero entre os diferentes atores do âmbito universitário é pouco ou quase inexistente. Neste sentido, recomendam ampla divulgação e espaços de debate sobre esta temática. Foram muito mencionadas as Atividades Curriculares de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (Aciepe)⁷, palestras, campanhas, debates, rodas de conversa, folhetos e disciplinas específicas sobre a temática. Recomendam ainda que a universidade tenha grupos de acompanhamento psicológico, escuta especializada, acolhimento e ações específicas com os agressores da comunidade universitária, e que sejam divulgados os órgãos institucionais que amparem as vítimas de violência de gênero dentro no campus.

Diante destes depoimentos, destacamos a importância da formulação de políticas de prevenção à violência de gênero, incluindo capacitações de docentes e técnico-administrativos para o reconhecimento das diversas formas de violência, assim como a sensibilização dos/as docentes

7 As Aciepes são atividades curriculares complementares inseridas nos currículos de graduação, com duração semestral de 60 horas, valendo 4 créditos acadêmicos. Disponível em: <https://bit.ly/2P7cXb6>. Acesso em: 28 jul. 2020.

e técnico-administrativos para um manejo acolhedor, com orientações às vítimas para a denúncia.

É fundamental a promoção de estratégias voltadas à melhoria de aspectos que envolvam a satisfação com a instituição, em especial segurança e conforto, visando melhorar a qualidade do ensino e realmente satisfazer os desejos dos acadêmicos e das acadêmicas, cuja responsabilidade não deve ser atribuída somente à coordenação dos cursos ou aos líderes dos setores envolvidos, colocando a gestão universitária em associação àqueles (FADEL et al., 2018; GODINHO et al., 2018).

Considerações finais

Esta pesquisa ampliou as evidências sobre a invisibilidade da violência de gênero no âmbito universitário, especificamente em universidade pública, mostrando o silenciamento que perpetua este fenômeno.

Esta investigação de caráter descritiva-transversal e inferencial não traz uma perspectiva histórica por se limitar a um período de tempo, porém acreditamos que nossos resultados trazem uma contribuição importante para a temática.

Verificamos que o campus da universidade em que foi realizada a pesquisa não está livre de violência de gênero. Embora parte considerável dos/as estudantes respondentes tenha presenciado algum tipo de violência, há desconhecimento das várias formas de violência de gênero amplamente reconhecidas na literatura. Este desconhecimento é um dos fatores que pode manter a violência encoberta, como também levar a uma perpetuação deste fenômeno, por ser reconhecido como violência de gênero.

Outro ponto a destacar é que poucos/as estudantes que sofreram violência a reportaram, isto porque também desconhecem as instâncias onde podem fazer a denúncia, tanto dentro como fora do campus da universidade.

Constatou-se que estudantes mulheres, negras e homossexuais têm probabilidade entre 75% e 78% de sofrer violência, em comparação à probabilidade de 11% a 13% dos estudantes homens, brancos e heterossexuais; ações específicas de proteção a estas estudantes, que estão vulneráveis, tornam-se indispensáveis.

Se almejamos uma universidade livre de violência, é crucial o reconhecimento da responsabilidade da instituição nas ações de promoção da não violência, proteção e acolhimento das vítimas e punições aos agressores,

dato que educar para a convivência implica uma instituição livre de violência, um ambiente saudável, com relações baseadas no respeito, liberdade, dignidade, solidariedade, tolerância e diálogo.

Salientamos ainda que este estudo mostrou a importância de dar visibilidade à problemática e a urgência de se implementar políticas e legislações institucionais no âmbito universitário.

Referência

ALBUQUERQUE, P. P.; WILLIAMS, L. C. A. Homofobia na escola: relatos de universitários sobre as piores experiências. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 663-676, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2P3F7nu>. Acesso em: 5 dez. 2019.

BARDAGI, M. P., HUTZ, C. S. Rotina acadêmica e relação com colegas e professores: Impacto na evasão universitária. **Psico**. v. 43, n. 2, p. 174-184, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/332vmOM>. Acesso em: 5 dez. 2019.

BARTOLO-NOLAZCO, G.; DIAZ-GONZÁLEZ, G.; DÍAZ-PÉREZ, G. **Violencia de género entre estudiantes en la Universidad Autónoma del Estado de México**. 2015. Tesis (Licenciatura) – Universidad Autónoma del Estado de México, Toluca, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/39xUEoZ>. Acesso em: 5 dez. 2019.

BRASIL. Presidência da República. **Lei Maria da Penha**: Lei nº 11.340. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2010. (Série Ação Parlamentar, n. 422).

BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. A. **Estatística básica**. 6. ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 2006.

DATA POPULAR; INSTITUTO AVON. **Violência contra a mulher no ambiente universitário**. São Paulo: Data Popular, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2OZ8kQm>. Acesso em: 5 dez. 2019.

FADEL, C. B.; SOUZA, J. A.; BORDIN, D.; GARBIN, C. A. S.; GARBIN, A. J. I.; SALIBA, N. A. Satisfaction with the academic experience among graduate students of a brazilian public university. **Revista Gaúcha de Odontologia**, Campinas, v. 66, n. 1, p. 50-59, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/30RY1Dh>. Acesso em: 5 dez. 2019.

FORKE, C. M.; MYERS, R. K.; CATALLOZZI, M.; SCHWARZ, D. F. Relationship violence among female and male college undergraduate students. **Archives of Pediatric Adolescent Medicine**, Chicago, v. 162, n. 7, p. 634-641, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2X0LAnK>. Acesso em: 5 dez. 2019.

GÁMAZ, A. B. P.; GUILLÉN, F. I. R.; GAMAS, G. P.; CRUZ, D. H.; MARTÍNEZ, R. V. Gender violence in universities in Southern Mexico. **International Journal of Humanities Social Sciences and Education**, [s. l.], v. 5, n. 4, p. 98-101, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/39JuvE5>. Acesso em: 5 dez. 2019.

GODINHO, C. C. P. S.; TRAJANO, S. S.; SOUZA, C. V.; MEDEIROS N. T.; CATRIB, A. M. F.; ABDON, A. P. V. A violência no ambiente universitário. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 31, n. 4, p. 1-8, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/304cxbX>. Acesso em: 5 dez. 2019.

GUIMARAES, S. E. R.; BORUCHOVITCH, E. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 143-150, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/304Z3wv>. Acesso em: 5 dez. 2019.

INFORME de la OMS destaca que la violencia contra la mujer es un problema de salud global de proporciones epidémicas. **Organización Mundial de la Salud**, Washington, DC, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3jQm7Hd>. Acesso em: 5 dez. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS. **Atlas da violência 2018**. Brasília, DF: Ipea, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3hOYugF>. Acesso em: 5 dez. 2019.

JOHNSON, R. A.; WICHERN, D. W. **Applied multivariate statistical analysis**. 6. ed. Upper Saddle River: Prentice Hall, 2007.

KOSCIW, J. G.; GREYAK, E. A.; BARTKIEWICZ, M. J.; BOESEN, M. J.; PALMER, N. A. **The 2011 National School Climate Survey**: the experiences of lesbian, gay, bisexual and transgender youth in our nation's schools. New York: Gay, Lesbian & Straight Education Network, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3h13fZ9>. Acesso em: 5 dez. 2019.

LARENA, R.; MOLINA, S. Violencia de género en las universidades: Investigaciones y medidas para prevenirla. **Trabajo Social Global**, Granada,

v. 1, n. 2, p. 202-219, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3f5lhTt> Acesso em: 5 dez. 2019.

LEHRER, J. A.; LEHRER, V. L.; LEHRER, E. L.; OYARZÚN, P. B. Prevalence of and risk factors for sexual victimization in college women in Chile. **International Family Planning Perspectives**, [S. l.], v. 33, n. 4, p. 168-175, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3gdR46g>. Acesso em: 5 dez. 2019.

MARTINEZ, L. W. Q. Rompiendo el silencio: del remanso romántico a la agitación de una violencia inesperada. **Fermentum**, Mérida, ano 16, n. 47, p. 607-640, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/39DRrEr>. Acesso em: 5 dez. 2019.

MINGOTI, S. A. **Análise de dados através de métodos de estatística multivariada**: uma abordagem aplicada. Minas Gerais: UFMG, 2005.

NARDI, H. C.; MACHADO, P. S.; MACHADO, F. V.; ZENEVICH L. O “armário” da universidade: o silêncio institucional e a violência, entre a espetacularização e a vivência cotidiana dos preconceitos sexuais e de gênero. **Teoria e Sociedade**, Belo Horizonte, n. 21, n. 2, p. 179-200, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2WYUyPJR>. Acesso em: 5 dez. 2019.

NELDER, J. A.; WEDDERBURN, R. W. M. **Generalized Linear Models**. 2. ed. London: Chapman & Hall, 1989.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher** – “Convenção do Belém do Pará”. Belém: OEA, 1994. Disponível em: <https://bit.ly/3jJF26C>. Acesso em: 5 dez. 2019.

R DEVELOPMENT CORE TEAM. **R**: A language and environment for statistical computing. version 2.12.1. Vienna: R Foundation for Statistical Computing, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/30RHrUh>. Acesso em: 5 dez. 2019.

RIVERS, I. The bullying of sexual minorities at school: Its nature and long-term correlates. **Educational and Child Psychology**, Washington, DC, v. 18, n. 1, p. 32-46, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/30RNhVy>. Acesso em: 5 dez. 2019.

RIVERS, I. Recollections of bullying at school and their long-term implications for lesbians, gay men, and bisexuals. **Crisis**, Boston, v. 25, n. 4, p. 169-175, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3faLqjl>. Acesso em: 3 fev. 2020.

RUSSELL, S. T. Challenging homophobia in schools: policies and programs for safe school climates. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 39, p. 123-138, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3g7QRRH>. Acesso em: 5 dez. 2019.

RUSSELL, S. T.; RYAN, C.; TOOMEY, R. B.; DIAZ, R. M.; SANCHEZ J. Lesbian, gay, bisexual and transgender adolescent school victimization: implications for young adult health and adjustment. **Journal of School Health**, [S. l.], v. 81, n. 5, p. 223-230, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/39xL2KW>. Acesso em: 5 dez. 2019.

SAS INSTITUTE INC. **SAS® On Demand for Academics**: student user's guide. 3. ed. Cary: NC, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2DaV6NW>. Acesso em: 5 dez. 2019.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://bit.ly/2COyEum>. Acesso em: 5 dez. 2019.

VALLS, R.; PUIGVERT, L.; MELGAR, P.; GARCIA-YESTE, C. Breaking the silence at Spanish universities: findings from the first study of violence against women on campuses in Spain. **Violence Against Women**, Thousand Oaks, v. 22, n. 13, p. 1519-1539, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3hP7Skp>. Acesso em: 05 dez. 2019.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2015**. Homicídio de mulheres no Brasil. Brasília, DF: FLACSO, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/30YXCps>. Acesso em: 5 dez. 2019.

ZOTARELI, V.; FAÚNDES, A.; OSIS, M. J. D.; DUARTE, G. A.; SOUSA, M. H. Gender and sexual violence among students at a Brazilian university. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 12, n. 1, p. 37-46, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/333DHBx>. Acesso em: 5 dez. 2019.

Recebido em fevereiro de 2020.

Aprovado em julho de 2020.